

Fernando Machado Silva

UM ESPELHO  
PARA REPRODUZIR  
AS MUTAÇÕES DA VIDA



2018

## ÍNDICE

11

PRIMEIRA VIAGEM (2004-2009)

35

POEMAS 2011-2012

53

O ATLAS QUE SUSTÉM ESTE CORAÇÃO NO VAZIO (2012-2013)

69

O CORAÇÃO ESTENDIDO PELA CIDADE (2012-2014)

89

DE BERLIM A LISBOA (2015)

113

PARA UM OUTRO DIA LÁZARO (2015-2017)

**PARA UM OUTRO DIA LÁZARO**  
**(2015–2017)**

para um outro dia lázaro

o dia todo o dia é um  
peso primeiro sob as asas  
depenadas mortalha de inverno  
cobrindo-te durante a tua ausência  
de corpo presente

depois enquanto langor  
lenta travessia pelo lamaçal  
sobre pedra e alcatrão

até a angústia te agrilhoar à cadeira  
e só os olhos  
entregues à balística  
tocam o mundo

por fim enrodilha-se o frio  
e cansaço ou morfeu impõem-se  
como a gravidade pende a luz

para um outro dia lázaro

poema de domingo

na hora do tinir do bronze estávamos sentados  
num banco do cemitério aconchegados ao seu

silêncio trazido pelo canto dos pássaros  
o sol tisonando as nossas faces de domingo

acompanhando a badalada um vento vogou nas copas  
folhas flores e pétalas caíram sobre nós o canto e os mortos

dir-se-ia um anjo sacudindo dos seus ombros  
a poeira do tempo alojada no seu corpo de mármore

de ferida a ferida

sobre o nevado ramo dessa árvore  
o rouxinol solta a sua nocturna melodia:  
morre paga o teu tributo à natureza

nesse canto escutas a diferida mensagem  
do encontro e do vir à vida

chegando o mundo abre-te uma ferida insanável  
e dela à do outro o amor ergue a sua ponte dando-se  
entre ambos o processo de conhecimento

o segundo acontecimento assinando-te  
ser-no-mundo repara: chegas com um grito  
partes num silêncio suspirado sarando a ferida.

poema para o meu irmão triste

para que a tristeza te seja breve afugenta essa ave  
crocitante voando em redor da tua cabeça e coração  
eclipsa dos olhos os quartos crescentes enegrecidos

dura em ti um lento andamento que te ritma  
a descrença no mundo sentido esvaziado do sentido  
que diariamente desde a infância lhe dotaste

da leveza e da aerealidade sobrou-te o gosto  
plúmbeo e ferruginoso e os pés em lama  
fazem-te pesar a máquina das pernas

és um sísifo caminhando no horizonte  
montanha e pedra são o teu humor

mas previne-te desse inverno interior  
ou o enraizamento dos corpos na sua distância  
e que essa infâmia morando na tua garganta  
ferrando as suas garras não seja projectada  
ao rosto de quem a ti te é mais próximo

para uma vida anelante

só é feliz quem não sonha   isso  
é claro   fecham-se os olhos deixa-se o mundo  
com os seus círculos mais interiores  
do medo cercar a vida calar  
a criança curiosa

traz-se tudo para junto de si  
a terra o muro a casa  
o tempo   por exemplo   igual  
um dia a outro dia  
calculado amanhã

porque insuflas no ontem o ouro dizes  
como era belo e bom outrora   deus  
e o diabo estão no detalhe das horas  
ajuizadas e sem ninguém

os anos passam   escorrem sem alarmes  
por ti           a erva daninha do acaso não medra  
no coração purificado pelo  
sal da razão aterrorizada

o teu rosto estará marcado  
pela biologia           confundi-lo-ás quando  
as mãos o acariciarem antes do último sono  
pela casca rugosa de uma árvore   se te cortassem  
verias um coração desanelado

para habitar a comunidade ou justo o amor

não haverá nunca uma vida que entenda  
uma vida a ínfima fibra  
secretamente exposta dada  
à carícia à usura

nada dizes e sentes  
a raiz da noite e a seda do vento  
por sobre os olhos e rosto  
atendendo a primavera

escura é uma boca que procura  
o nome que não há e assombra  
e do medo semeia o tempo para  
o sonho de perdurar depois de tudo

mas estrelas talco arroz são  
do mesmo pó da tua pele  
tinir de outro tom  
nódulo em outra corda

conheces contaram-te quando ainda a palavra  
ladeava o mundo e se impunha  
altiva farol em fraga brava  
o desnudar da glória mas do fruto

ateou-se a candeia do ego  
soberano que põe e depõe cada tom e corda  
o pó cada expressão ficando  
sob a sua vontade já nada

te assegura os mitos estão ociosos  
e o sono chega pela meia-  
-noite do homem  
procuras ainda a distância

de toda a proximidade o corpo a  
corpo que lentamente enlaça a fibra  
repara o entendimento é um acaso  
como a palavra justa ou justo o amor

quando por estes caminhos andas e  
tocas com o olhar a pedra  
a árvore a ave o cão  
a mulher a quem te fidelizaste

vês ainda o lume da glória rutilante  
em tudo que te rodeia sabes  
não é um corpo o que obsta o encontro do ínfimo  
antes o rei que recusa a renuncia do reino  
para habitar a comunidade ou justo o amor